

# A REVOLTA CURDA NO IRAQUE E SUA REPERCUSSÃO NA TURQUIA

Dr. PAULO VALLADARES  
Primeiro-Secretário da Embaixada do Brasil  
na Turquia.

Palestra proferida no Instituto dos Advogados  
Brasileiros em 2 de agosto de 1962.

Antes de entrar no assunto específico da presente palestra desejaríamos relembrar aos ilustres colegas a atual posição da Turquia no quadro do Oriente Médio no que se refere a sua política externa. De acôrdo com o programa de Governo lido perante a Grande Assembléia Nacional ainda há poucos dias, ou seja no dia 4 de julho último, pelo Primeiro-Ministro Ismet Inonü, a Turquia continuará dando o seu apoio às Nações Unidas e à OTAN, manterá todos os seus compromissos internacionais e ao mesmo tempo procurará entreter relações amistosas com a maioria dos países do globo.

Signatária do chamado pacto de Bagdá, e, como país sede da Organização do Tratado Central (CENTO) que o substituiu, tem pôsto toda sua diligência em prestigiar êsse organismo internacional.

Na região, seu escopo é melhorar as suas relações com os países vizinhos, ampliando-as com os do Oriente Médio, sem, entretanto, imiscuir-se nas questões árabes, por considerar-se país eminentemente europeu.

Aproxima-se cada vez mais do Ocidente, de quem recebe auxílios substanciais e ajudas de caráter econômico. Nesse terreno, destaca-se em primeiro plano os Estados Unidos da América que possui em Ancara uma Missão Permanente de Desenvolvimento Econômico mantendo um pessoal civil e militar que só na capital vai a cêrca de 8.000 pessoas. Para citarmos apenas os mais importantes, afora os Estados Unidos da América, lembraremos ainda a França e a Alemanha Ocidental com os quais encontra-se ligada por acôrdos e outros instrumentos bilaterais para o desenvolvimento de seu comércio.

Embora possua com a Rússia Soviética e demais países da chamada Cortina de Ferro acôrdos da mesma natureza, nota-se, na prática, uma certa "cerimônia" que detém o Governo, inibindo-o de maiores expansões. O Partido Comunista encontra-se fora da lei, mas existe uma grande infiltração da doutrina, principalmente entre os intelectuais.

Feitas essas rápidas considerações introdutórias, entremos na matéria principal, ou seja, a revolta curda no Iraque e sua repercussão na Turquia, assunto a que nos propusemos expor a esta veneranda Casa.

O chamado Curdistão encontra-se situado entre a Turquia, o Irã, a Síria, o Iraque e a Rússia, abrangendo parte dêsses países. Tem dado

problemas à maioria das Nações que o constituem, embora sua grande parte prefira ignorá-lo. Os curdos denominam-se na Turquia "turcos das montanhas".

A economia da região é precária e primitiva. A agricultura é a sua principal atividade.

Militarmente falando, não representam em si grande perigo por se acharem mal equipados, mas na luta, muitas vezes dão um grande trabalho, porque encontram-se adestrados no sistema de guerrilhas e se localizam em posições situadas nas montanhas, o que dificulta sobremaneira o envio de forças regulares para combatê-los de forma eficiente.

No Irã, durante algum tempo, constituíram-se em República independente, em luta contra o Poder Central, que, após dois anos de combate sem tréguas, conseguiu debelá-los. Os chefes foram enforcados sumariamente e os remanescentes destroçados, mas a sua persistência é enorme de modo a permitir vez por outra escaramuças sem maiores conseqüências.

A Turquia, no início de seu regime republicano, premida pela exploração de certos líderes políticos opostos a Atatürk, viu-se a braços com uma séria revolta das tribos curdas situadas em seu território. Perdurou a luta entre os anos de 1926 e 1928. As forças regulares, enraivecidas com as atrocidades praticadas pelos curdos no início da campanha, reagiram de forma violenta, tentando exterminar os curdos, o que não conseguiram, pois, estes, refugiaram-se nas montanhas, adotaram o sistema das guerrilhas e esconderam-se nos mais recônditos sítios.

As lutas dos curdos iniciam-se sempre com uma série de reivindicações políticas, econômicas e culturais. No terreno político, desejam ser reconhecidos como minorias, atribuindo-se a si vários privilégios como autonomia política, ajuda econômica e direitos de natureza cultural, como por exemplo ensino nos três graus em língua curda, propagação de seus costumes pelo rádio e pela televisão, estabelecimento de bibliotecas, cinemas e divulgação de seu folclore. Já foi mesmo propugnada a fundação de uma Universidade Curda.

A Turquia jamais os reconheceu como minoria, nem lhes concedeu nenhum dos direitos que periodicamente julgam possuir. Não mais se atreveram a exigir pela força tais reivindicações, amedrontados com a violência da repressão à revolta de 1926, temendo, portanto, novas retaliações. Se as diversas tribos não se combatessem periodicamente entre si, o que evidentemente as enfraquece, o problema talvez viesse a se revestir da maior gravidade.

O líder dos curdos iraquenses, Barzani, teve ligações muito estreitas com os revolucionários iranianos de 1947 e refugiou-se por algum tempo na efêmera república que à época ali se instituiu. Quando a situação militar começou a se deteriorar fugiu para a Rússia onde recebeu endotrinação e treinamento comunista.

No Iraque, durante a monarquia, os curdos estiveram sempre fora da lei, mas com a vitória da Revolução de Kassem, em 1958, este, com intuítos evidentemente de propaganda para o seu regime e com o escopo de adquirir um maior número de adeptos, permitiu a volta de Barzani,

dando aos curdos certos privilégios, e até mesmo o posto de Ministro da Cultura Curda, função essa com voto no Gabinete. Durante um certo período de tempo foi permitido o ensino da língua curda nas escolas primárias no mesmo pé de igualdade do árabe, em determinadas regiões foram abertos Liceus, uma estação de rádio passou a funcionar regularmente em curdo, assim como jornais e revistas passaram a ser publicados.

Mas o que Barzani queria não era apenas isso. Desejava do Governo autonomia política e ajuda econômica para os agricultores curdos. Iniciou assim, pelo jornal que fundou, uma campanha das reivindicações de seus líderes. Kassem, entretanto, que não estava disposto a fazer nenhuma concessão no terreno político, negou-se a tal, dando ensejo a um levante revolucionário no norte do Iraque.

Barzani desapareceu de Bagdá e poucos dias depois surgiu novamente, na qualidade de líder do movimento. A revolta iniciou-se em julho do ano passado. Os pontos de maior interesse, militarmente falando, são as regiões que medeiam as cidades de Mossul, Suleymanié e El Quab, as quais constituem os vértices de um triângulo onde a luta vem se desenvolvendo, até hoje, de forma a mais feroz. Caracteriza-se ela pelas guerrilhas. Aproveitando o terreno montanhoso, as tribos curdas avantajam-se aos regulares, como já tivemos ensejo de mencionar. Organizados em emboscadas em terreno que para eles não possui segredos, os curdos vêm mantendo uma resistência considerável.

Mesmo que quisesse o Governo do Iraque não poderia oferecer auxílio econômico aos curdos dada a sua situação que é verdadeiramente insustentável. Certos regimentos governamentais, pelas suas condições éticas recusam-se a lutar contra os curdos o que ocasiona sérias dificuldades.

Há um incentivo velado de parte da Rússia Soviética, que tem interesse em explorar a situação, para manter um clima agitado não só no Iraque como em todo o Oriente Médio. Kassem, porém, finge ignorar o fato e acusa a Inglaterra de proteger as arremetidas dos curdos, ao proporcionar-lhes auxílio indireto.

O problema no momento é considerado insolúvel e se agrava pelo auxílio que as tribos curdas da Turquia proporcionam às iraquenses, permitindo-as cruzar a fronteira, com o evidente propósito de conceder-lhes asilo, quando premidos pelos governamentais.

O Governo turco envia suas forças regulares que rechaçam os curdos iraquenses, os quais são obrigados a retornar às primitivas posições. Mas a cumplicidade dos curdos turcos dá ensejo a novas entradas com as conseqüentes saídas. Patrulhas de aviões turcos têm também sido avistadas na região.

Podemos concluir nossa palestra afirmando que se a Rússia continuar a incentivar as tribos curdas do Iraque a lutar contra o Poder Central o problema poderá agravar-se ocasionando no Oriente Médio o rastilho de uma crise cujas conseqüências não nos aventuramos a prever.